

## ENTRE ENCHENTES E MANCHETES: O JORNALISMO AMBIENTAL E O DESASTRE CLIMÁTICO DO RS NOS PORTAIS MATO-GROSSENSES

BETWEEN FLOODS AND HEADLINES: ENVIRONMENTAL JOURNALISM AND THE  
CLIMATE DISASTER IN RIO GRANDE DO SUL IN MATO GROSSO NEWS PORTALS

Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini<sup>1</sup>

Renan Souza Camiran<sup>2</sup>

Barbara Argôlo Soares<sup>3</sup>

Weverton da Silva Correa<sup>4</sup>

Jeferson Boldrini da Silva<sup>5</sup>

Priscilla Cristina de Andrade Del Llano<sup>6</sup>

Igor Aparecido Dallaqua Pedrini<sup>7</sup>

Marcelo Natal Borges de Jesus Filho<sup>8</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa a cobertura jornalística dos desastres ambientais ocorridos no Rio Grande do Sul em maio de 2024, realizada por dois veículos mato-grossenses: G1 Mato Grosso e Olhar Direto. A pesquisa, ancorada na Análise de Conteúdo, buscou identificar em que medida essas coberturas incorporaram os princípios do jornalismo ambiental, como contextualização, pluralidade de vozes e abordagem preventiva. Os resultados indicam predominância de fontes oficiais, superficialidade na abordagem e ausência de vozes especializadas ou das comunidades afetadas. A análise aponta para a necessidade de práticas jornalísticas mais críticas e educativas, especialmente no jornalismo regional, diante da crescente complexidade dos desastres ambientais associados à crise climática.

1

**Palavras-chave:** Jornalismo ambiental. Desastres naturais. Comunicação regional. Crise climática

<sup>1</sup>Orientadora: Doutora em Educação (UFU). Professora do PPGCOM/UFMT e do curso de Jornalismo do Campus Araguaia da UFMT. Membro e líder do grupo de pesquisa “EColeidoscópio: olhares entrecruzados sobre meio ambiente”

<sup>2</sup>Mestrando em Comunicação e Poder pelo PPGCOM/UFMT. Administrador (UNEMAT/SINOP). Professor do curso de Administração Pública da UNEMAT/UAB/DEAD. Integrante do grupo de pesquisa “Jornalismo Ambiental: a cobertura da mídia sobre os desastres ambientais”.

<sup>3</sup>Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMT (PPGCOM), na linha de pesquisa Política e Cidadania. Jornalista, graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). Graduada em Direito pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Integrante do grupo de pesquisa “Mídia e Política: narrativas do jornalismo brasileiro na construção de sentidos sobre a América Latina”.

<sup>4</sup>Jornalista. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

<sup>5</sup>Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Jornalista e Biólogo. Profissional Técnico na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

<sup>6</sup>Mestranda em Comunicação e Poder pelo PPGCOM/UFMT. Bacharel em Comunicação Social – Radialismo pela UFMT. Diretora de Produção na TV Universidade da UFMT.

<sup>7</sup>Doutor em Educação (UFU). Mestre em Ciência da Informação (Unesp). Publicitário e Pedagogo. Docente do Programa de Mestrado em Tecnologias Emergentes da Educação (Must University).

<sup>8</sup>Mestrando em Comunicação e Poder pelo PPGCOM/UFMT. Jornalista pela Universidade Federal de Mato Grosso, Membro do grupo de pesquisa “EColeidoscópio: olhares entrecruzados sobre meio ambiente”.

**ABSTRACT:** This article analyzes the journalistic coverage of environmental disasters that occurred in Rio Grande do Sul in May 2024, carried out by two news outlets from Mato Grosso: G1 Mato Grosso and Olhar Direto. The research, grounded in Content Analysis, sought to identify to what extent these coverages incorporated the principles of environmental journalism, such as contextualization, plurality of voices, and a preventive approach. The results indicate a predominance of official sources, a superficial approach, and the absence of expert voices or those from affected communities. The analysis highlights the need for more critical and educational journalistic practices, especially in regional journalism, given the increasing complexity of environmental disasters associated with the climate crisis.

**Keywords:** Environmental journalism. Natural disasters. Regional communication. Climate crisis.

## I. INTRODUÇÃO

Os desastres ambientais têm se tornado cada vez mais frequentes e intensos nas últimas décadas, fenômeno amplamente associado às mudanças climáticas globais. Esses eventos extremos não apenas desafiam as políticas públicas e a gestão territorial, mas também colocam à prova o papel do jornalismo enquanto mediador social e agente formador de consciência crítica e ambiental (LEAL; FAUSTO NETO, 2014; LOUREIRO, 2020).

Em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul enfrentou uma catástrofe ambiental de grandes proporções, com enchentes e deslizamentos que afetaram centenas de municípios, resultando em perdas humanas, econômicas e ambientais. O episódio gerou ampla repercussão nacional e expôs, mais uma vez, a urgência de se repensar as estratégias comunicacionais diante da emergência climática.

No contexto dessas coberturas, é essencial observar como a mídia regional brasileira, especialmente fora do eixo Sul-Sudeste, lidou com a notícia e com a complexidade do evento. Por isso, este artigo propõe analisar a cobertura jornalística dos desastres ambientais do Rio Grande do Sul realizada pelos portais G1 Mato Grosso e Olhar Direto. A questão norteadora da pesquisa é: como a mídia mato-grossense noticiou os desastres ambientais de maio de 2024 no Rio Grande do Sul?

Segundo Capra (2006), os problemas ambientais não podem ser compreendidos de forma fragmentada, pois envolvem sistemas complexos e interdependentes. Assim, o jornalismo ambiental precisa ultrapassar o enfoque episódico e emergencial, característico da cobertura

factual tradicional, e adotar uma abordagem sistêmica e pedagógica (LOUREIRO, 2020; LEAL, 2013).

Para Carvalho (2004), o jornalismo ambiental deve contribuir para a compreensão pública dos riscos ecológicos e promover o debate coletivo sobre as soluções possíveis, atuando como vetor de cidadania ambiental.

Além disso, a cobertura de desastres ambientais exige uma mediação que articule saberes técnicos, vozes da comunidade afetada, dados científicos e análise contextual. Isso é particularmente desafiador para veículos de mídia regional, que enfrentam limitações de recursos, equipe e tempo, e frequentemente dependem de agências de notícias ou da reprodução de conteúdos nacionais. Essa realidade acaba por reforçar uma cobertura limitada, superficial e pouco crítica, como aponta Fausto Neto (2008).

No caso específico do jornalismo regional mato-grossense, há um desafio adicional: como contextualizar eventos de grande magnitude ocorridos em outras regiões do país para um público local, respeitando suas especificidades culturais e territoriais? A ausência dessa mediação, como será evidenciado neste estudo, compromete a função pública do jornalismo e limita seu potencial educativo e transformador.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a cobertura realizada pelos portais G1 Mato Grosso e Olhar Direto sobre os desastres ambientais no Rio Grande do Sul, à luz dos princípios do jornalismo ambiental. Para isso, o trabalho foi estruturado em cinco seções principais. A primeira parte apresenta os fundamentos teóricos do jornalismo ambiental e sua importância diante da crise climática global. A segunda discute o enquadramento do desastre do Rio Grande do Sul enquanto pauta jornalística e sua repercussão nacional.

A terceira seção investiga as características do jornalismo local e regional em Mato Grosso, destacando seus potenciais e limitações. Em seguida, são apresentados os perfis dos veículos analisados. Por fim, a metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) é detalhada como instrumento de investigação dos discursos jornalísticos.

Ao refletir sobre como o jornalismo regional representa as questões ambientais de alcance nacional, o artigo pretende contribuir com a construção de práticas comunicacionais mais comprometidas com a sustentabilidade, a justiça social e a democracia informacional. Como defendem Loureiro (2020) e Capra (2006), somente uma abordagem crítica, plural e educativa poderá responder à complexidade dos desafios socioambientais contemporâneos.

## 2. JORNALISMO AMBIENTAL, LOCAL E REGIONAL NA COBERTURA DA CRISE CLIMÁTICA NO RIO GRANDE DO SUL

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos que sustentam a análise da cobertura jornalística dos desastres ambientais no Rio Grande do Sul, articulando três eixos centrais: o jornalismo ambiental, o enquadramento do desastre como acontecimento midiático e o papel do jornalismo local e regional na mediação desses eventos.

Inicialmente, discute-se o papel do jornalismo ambiental diante da crise climática, destacando seus princípios, desafios e potencial formativo. Em seguida, aborda-se o desastre ocorrido no Rio Grande do Sul como pauta jornalística, com ênfase em sua dimensão socioambiental e repercussão midiática. Na sequência, analisa-se o jornalismo local e regional em Mato Grosso, considerando suas especificidades, potencialidades e limitações na cobertura de eventos de grande escala. Por fim, apresenta-se o recorte empírico da pesquisa por meio da caracterização dos portais G1 Mato Grosso e Olhar Direto, evidenciando sua relevância no contexto regional e seu papel na mediação entre acontecimentos nacionais e realidades locais. Desse modo, busca-se construir um referencial teórico-analítico capaz de orientar a investigação das práticas jornalísticas frente à complexidade dos desastres contemporâneos.

### 2.1 O papel do Jornalismo Ambiental na crise climática

O jornalismo ambiental, ao tratar de questões socioambientais, não pode se limitar à simples veiculação de impactos visíveis ou à replicação de dados técnicos. Seu papel transcende a função informativa, atuando como mediador entre conhecimento científico, experiência social e políticas públicas, com a responsabilidade de fomentar o debate público, estimular a cidadania ambiental e promover a educação crítica (CARVALHO, 2004; LEAL, 2013; LOUREIRO, 2020).

Loose e Girardi (2017, p. 110) são enfáticas ao afirmar que “o jornalismo tem um papel social a cumprir: o de empoderar os cidadãos por meio de informações qualificadas”.

Ainda que não se espere que o jornalismo provoque mudanças diretas no comportamento da sociedade, sua legitimidade institucional e seu alcance conferem-lhe o poder de legitimar discursos e influenciar percepções, especialmente diante da crise climática e do negacionismo ambiental, ainda presente em muitos setores sociais (ALLAN; PETERS, 2015).

O jornalismo ambiental, portanto, surge como resposta à complexidade das pautas ecológicas contemporâneas. Estas requerem não apenas conhecimento técnico, mas também

sensibilidade ética e responsabilidade social. Girardi et al. (2018) destacam que a cobertura climática se intensificou nos anos 1980, principalmente nos Estados Unidos, quando o aquecimento global ganhou visibilidade pública (GIRARDI et al., 2018, p. 2).

O grande desafio, no entanto, é traduzir temas sistêmicos em narrativas acessíveis, mantendo profundidade e relevância. Isso demanda uma abordagem holística que articule meio ambiente, cultura, economia e política. Leal (2013, p.71) defende que “o jornalismo ambiental deve romper com a superficialidade da cobertura factual e adotar uma postura interpretativa, educativa e crítica”.

No caso dos riscos climáticos, Girardi et al. (2018) lembram que o conceito de risco é multidimensional, com uma dimensão objetiva, baseada em dados, e outra simbólica, ligada à percepção e à comunicação. O jornalismo, nesse cenário, atua como vetor da percepção pública desses riscos.

Loose e Girardi (2017) apontam que a mídia participa ativamente da difusão de saberes sobre enfrentamento climático, podendo influenciar, ou não, o surgimento de uma cultura de prevenção.

Para que isso ocorra de maneira efetiva, é necessário que jornalistas ambientais possuam formação sólida em ecologia e comunicação. Conforme Girardi et al. (2018, p.6), “é essencial compreender estratégias como mitigação e adaptação para oferecer uma cobertura que não apenas informe, mas também oriente a ação”.

Barbosa (2020) observa que, no entanto, a cobertura ambiental ainda é marcada por uma “memória descontínua”, centrada em episódios pontuais e não nos processos estruturais. Isso reforça uma lógica espetacularizada dos desastres, em detrimento de abordagens educativas e preventivas, esvaziando o debate público.

Outro problema recorrente é a centralização da cobertura em grandes centros urbanos e agendas internacionais, marginalizando os contextos locais. Cervi e Massuchin (2022, p.9) afirmam que “os contextos regionais seguem sendo invisibilizados pelas grandes narrativas ambientais”, fragilizando o vínculo entre cidadãos e os problemas que de fato os atingem.

Para romper essa lógica, Loureiro (2020) propõe que o jornalismo ambiental colabore na formação de “sujeitos ecológicos”: indivíduos com consciência crítica, engajados na transformação ética da sociedade. O jornalismo, nesse sentido, pode ser vetor de superação da crise civilizatória que atravessamos.

Dessa forma, ancorado na interdisciplinaridade, no rigor científico e na ética, o jornalismo ambiental revela-se peça-chave na construção de sociedades informadas, resilientes e comprometidas com a sustentabilidade planetária.

## 2.2 O desastre ambiental do Rio Grande do Sul como pauta jornalística

Entre abril e maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul enfrentou uma das maiores tragédias socioambientais de sua história recente. As enchentes provocadas por chuvas persistentes e volumosas deixaram um saldo de 179 mortos, mais de 2,3 milhões de pessoas afetadas e prejuízos estruturais incalculáveis, atingindo moradias, estradas, sistemas de transporte, abastecimento e comunicação (Rio Grande do Sul, 2024).

A cobertura jornalística do desastre ocupou grande espaço nos meios de comunicação nacionais, configurando-se como evento de alto impacto midiático e simbólico. Entretanto, uma análise crítica exige ir além da quantificação de perdas: é necessário observar como a mídia enquadrou o acontecimento e quais discursos foram privilegiados.

Segundo boletins da Defesa Civil, as chuvas começaram em 27 de abril de 2024, atingindo inicialmente a região dos Vales, especialmente o município de Santa Cruz do Sul. Nos dias seguintes, rios como Taquari, Caí e Pardo transbordaram, invadindo ruas, casas e comércios. Com a conexão dessas bacias ao Guaíba e à Lagoa dos Patos, o alagamento se estendeu até Porto Alegre e à zona sul do estado. O Guaíba atingiu 5,33 metros acima do nível normal, superando recordes históricos e paralisando a capital (Rio Grande do Sul, 2024).

O Decreto Estadual nº 57.626, de 21 de maio de 2024, declarou estado de calamidade pública em 78 municípios e situação de emergência em outros 340. O Relatório de Impacto das Chuvas e Cheias Extremas indicou que 9.158 localidades foram atingidas e que 4.548 comunidades rurais enfrentaram graves problemas de mobilidade e escoamento da produção agrícola, devido à destruição de estradas vicinais. Essa informação raramente ganhou destaque nas matérias jornalísticas, apesar de sua relevância para a segurança alimentar e a economia regional.

O plano estadual de reconstrução, estimado em R\$ 19 bilhões, incluiu medidas emergenciais e estruturais: organização de abrigos, reativação de serviços essenciais, apoio a produtores locais e reurbanização das áreas afetadas. No entanto, essas iniciativas são insuficientes sem uma mudança estrutural no modelo de desenvolvimento.

### 2.3 O Jornalismo Local e Regional em Mato Grosso

Discutir o jornalismo local e regional no contexto das transformações tecnológicas e culturais contemporâneas é essencial para compreender como a informação é produzida, distribuída e ressignificada em diferentes territórios. Em um cenário de globalização midiática, concentração de meios e padronização de conteúdos, o jornalismo de proximidade surge como alternativa potente ao valorizar saberes locais, estimular o pertencimento e fortalecer identidades culturais. Como destaca Peruzzo (2003, p. 4), esse tipo de jornalismo respeita a identidade local e promove a participação cidadã.

Estudar o jornalismo regional é também compreender os vínculos entre mídia, cultura e território. Para Dornelles (2012, p. 15), ele contribui para a construção de identidades e para a valorização da diversidade cultural presente em cada lugar, conectando os acontecimentos às experiências cotidianas dos cidadãos. Borges (2010) e Ferreira (2008) reforçam esse papel simbólico e relacional, ao apontarem que o local é onde se articulam trocas econômicas, políticas e culturais, criando laços de pertencimento entre a população e os meios de comunicação.

Em Mato Grosso, esse cenário se materializa em uma diversidade de veículos regionais, como os jornais impressos A Gazeta e Diário de Cuiabá, emissoras como TV Centro América e TV Record MT, rádios como Gazeta FM e CBN Cuiabá, além de portais digitais como Gr Mato Grosso, Olhar Direto e Folha Max. Esses meios têm papel relevante tanto na cobertura de temas regionais quanto na mediação entre os acontecimentos locais e os grandes debates nacionais. No entanto, essa importância só se concretiza quando há esforço editorial em contextualizar os fatos, ouvir diferentes vozes e promover a interpretação crítica da realidade.

Na cobertura de desastres ambientais, como os que assolaram o Rio Grande do Sul em 2024, o jornalismo regional tem potencial para traduzir eventos de grande escala em narrativas compreensíveis ao público local. Leal (2013) argumenta que o jornalismo ambiental de base local deve assumir uma postura crítica e pedagógica, explicando os processos sociais, políticos e ecológicos que moldam os desastres. Loureiro (2020, p. 52) também destaca que a crise ambiental, ao se territorializar, convoca formas de comunicação enraizadas nos saberes comunitários e na pedagogia do pertencimento.

Esse tipo de cobertura exige que o jornalismo vá além da simples reprodução de dados e da dependência de fontes institucionais. Ao assumir um compromisso com o território, os veículos regionais podem revelar desigualdades, vulnerabilidades e omissões históricas que

contribuem para a ocorrência e o agravamento de tragédias ambientais. O jornalismo de proximidade, nesse sentido, fortalece-se como instrumento de cidadania ao escutar os afetados, resgatar a memória local e articular o saber técnico ao conhecimento vivencial.

No entanto, esse potencial comunicativo enfrenta limites concretos. Peruzzo (2003) ressalta que coberturas mais profundas exigem equipes capacitadas, estrutura mínima e autonomia editorial, condições ainda frágeis em muitas redações regionais brasileiras. Sem essas bases, o jornalismo local tende a repetir padrões da grande mídia, como superficialidade, centralização de fontes e distanciamento dos sujeitos sociais.

A reflexão de Ianni (1999) é valiosa neste contexto: a mundialização, longe de apagar o local, revaloriza o regional como resposta à compressão do espaço-tempo. Ferrari (2010, p. 143) acrescenta que as plataformas digitais ampliaram o alcance das vozes regionais, diversificando os pontos de vista no debate público. No entanto, essa expansão só se realiza com intencionalidade editorial e formação crítica, que garantam o uso das tecnologias em favor de narrativas enraizadas nas realidades locais.

No caso específico da cobertura das enchentes no Rio Grande do Sul, os portais *Gi Mato Grosso* e *Olhar Direto* tiveram a oportunidade de rearticular os fatos nacionais a partir das vivências mato-grossenses, mas em grande parte limitaram-se a reproduzir conteúdos institucionais. Ao não explorar os vínculos simbólicos, sociais e territoriais entre o desastre e os contextos locais, desperdiça-se a possibilidade de construir uma narrativa mais complexa, educativa e transformadora. Para além da função informativa, o jornalismo local deve ser reconhecido como um espaço estratégico de produção de conhecimento, de diálogo social e de fortalecimento democrático diante dos desafios climáticos do século XXI.

#### 2.4 Dos veículos em análise: *Gi Mato Grosso* e *Olhar Direto*

A seleção dos portais *Gi Mato Grosso* e *Olhar Direto* como objetos deste estudo está fundamentada na centralidade que esses veículos ocupam no ecossistema jornalístico regional, especialmente no que diz respeito à cobertura de temas que afetam diretamente o cotidiano da população mato-grossense. Ao operarem com foco em notícias de interesse local e regional, esses meios assumem papel estratégico na construção de vínculos entre os fatos de grande repercussão nacional e os contextos territoriais em que seus públicos estão inseridos. Nesse sentido, sua atuação está diretamente relacionada ao que se denomina jornalismo de proximidade: uma

prática comunicacional que valoriza os acontecimentos locais, a escuta das comunidades e a representação de identidades culturais e sociais específicas (PERUZZO, 2003; DORNELLES, 2012).

Considerando que os desastres ambientais, como o ocorrido no Rio Grande do Sul em 2024, têm consequências que extrapolam seus locais de origem, mobilizando reflexões sobre riscos, políticas públicas, desigualdades e mudanças climáticas, a imprensa regional assume o desafio de tornar essas pautas significativas para seus públicos. Assim, veículos como *Gi Mato Grosso* e *Olhar Direto* estão em posição privilegiada para traduzir os efeitos e implicações de tais eventos a partir das realidades locais, aproximando o debate ambiental das experiências cotidianas da população. A escolha por esses portais, portanto, não se deu apenas por sua relevância institucional, mas sobretudo por sua capacidade, potencial ou realizada, de articular o jornalismo ambiental com as dimensões simbólicas, culturais e sociais do território mato-grossense.

A seguir, no tópico 2.4.1, apresenta-se um breve histórico e descrição institucional de cada veículo, com base em suas páginas institucionais e documentos editoriais.

#### 2.4.1 *Gi Mato Grosso*

O portal *Gi Mato Grosso* é a ramificação regional da plataforma nacional *Gi*, pertencente ao Grupo Globo de Comunicação. Criado há cerca de 13 anos, o site representa a presença do conglomerado no estado, com sede operacional em Cuiabá. Embora produza conteúdos locais, o portal mantém uma forte conexão com a linha editorial do grupo nacional, refletindo os padrões jornalísticos, estéticos e narrativos do *Gi Brasil*.

As editorias são amplas e bem definidas, com cobertura diária de temas como política, segurança pública, economia, meio ambiente, saúde, agronegócio, entre outros.

No que diz respeito ao posicionamento institucional, o *Gi* afirma em seus Princípios Editoriais o compromisso com a transparência, a imparcialidade e a responsabilidade social do jornalismo. Conforme documento publicado pelo grupo, “a Era Digital é absolutamente bem-vinda, e, mais ainda, essa multidão de indivíduos [...] que utiliza a internet para se comunicar e se expressar livremente. [...] O objetivo é não somente diferenciar-se, mas facilitar o julgamento do público sobre o trabalho dos veículos, permitindo, de forma transparente, que qualquer um verifique se a prática é condizente com a crença” (GLOBO, 2011, p. 4).

#### 2.4.2 Olhar Direto

Fundado em 2002, o portal *Olhar Direto* integra o Grupo Olhar e está sediado em Cuiabá. Considerado um dos pioneiros do webjornalismo no estado, consolidou sua atuação especialmente na editoria de política, mas também se destaca nas coberturas sobre economia, justiça, segurança pública, agronegócio e cotidiano. Seu endereço eletrônico é [www.olhardireto.com.br](http://www.olhardireto.com.br).

O site apresenta-se institucionalmente como um veículo “independente, sem vínculo partidário ou preconceito ideológico” (OLHAR DIRETO, 2025). A redação atual conta com 19 colaboradores e mantém cobertura constante dos principais acontecimentos locais, além de manter colunas, análises e reportagens especiais.

O texto da seção “Quem somos” reforça seu compromisso com a autonomia editorial: “não ceder às pressões em suas áreas de abordagem” e “não vincular-se a interesses particulares” são apresentados como princípios que regem o trabalho jornalístico do portal, embora a equipe afirme que “isso não faz do site um veículo sem opinião”.

Essa declaração reflete uma perspectiva editorial que busca equilíbrio entre independência e posicionamento público, algo particularmente relevante em contextos locais em que as relações entre mídia, poder político e setor produtivo tendem a ser mais próximas.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa está ancorada em uma abordagem qualitativa, cuja finalidade é compreender os modos pelos quais os portais jornalísticos *GI Mato Grosso*, *Olhar Direto* e *Mídia News* noticiaram os desastres ambientais ocorridos no Rio Grande do Sul em 2024. Para isso, adotou-se como técnica principal a Análise de Conteúdo, tal como sistematizada por Laurence Bardin (2011), por sua reconhecida aplicabilidade na interpretação de materiais discursivos, especialmente no campo das ciências da comunicação.

Segundo Bardin (2011, p.47), a Análise de Conteúdo compreende

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receptividade dessas mensagens.

Trata-se, assim, de um procedimento metodológico adequado para identificar regularidades, ênfases, silêncios e estratégias discursivas presentes em textos jornalísticos,

particularmente úteis quando se investiga a cobertura de eventos complexos, como desastres ambientais.

Autores como Franco (2018), Bauer (2002) e Krippendorff (2004) complementam esse entendimento ao enfatizar que a Análise de Conteúdo, quando aplicada de forma criteriosa, permite apreender os significados explícitos e implícitos das mensagens, bem como os modos de construção simbólica da realidade mediados pela linguagem.

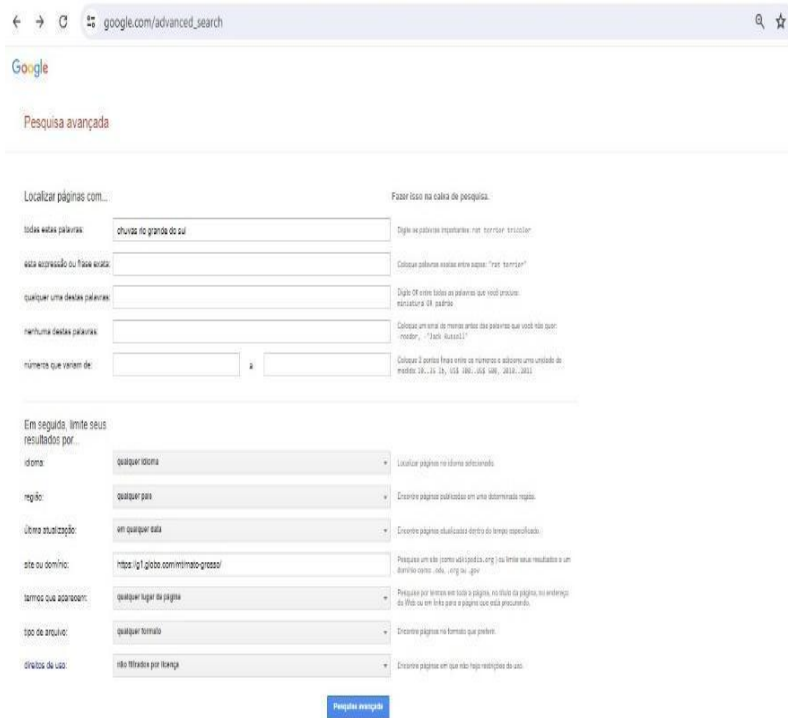
Nesse sentido, a técnica não se limita à contagem de ocorrências ou à identificação de termos frequentes, mas busca interpretar os sentidos atribuídos aos fenômenos sociais pelos agentes comunicacionais.

### 3.1 Delimitação do *corpus* e procedimentos de coleta

O *corpus* empírico da pesquisa é composto por matérias jornalísticas veiculadas nos portais *G1 Mato Grosso* e *Olhar Direto*, sediados na capital do estado, Cuiabá (MT), entre os dias 27 de abril e 31 de maio de 2024. O intervalo temporal adotado contempla desde o início das fortes chuvas no Rio Grande do Sul até o fim do mês seguinte, período em que o tema foi amplamente repercutido na imprensa nacional e regional. A seleção dos veículos justifica-se por sua expressiva atuação na cobertura jornalística regional, bem como por sua representatividade no ecossistema midiático mato-grossense.

A coleta do material, tal como demonstrado na figura 1, foi realizada por meio da ferramenta *Google Advanced Search*, disponível em: [https://google.com/advanced\\_search](https://google.com/advanced_search). Esta funcionalidade permite refinar buscas com base em critérios como domínio específico, período de publicação e combinação de palavras-chave. Foram utilizadas, neste estudo, as expressões “Rio Grande do Sul” e “chuvas”, restringindo os resultados aos seguintes domínios: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/> <https://www.olhardireto.com.br/>

Figura 1: Layout da busca no Portal G1 (2024)



Fonte: Google Advanced Search (2024).

O uso da ferramenta proporcionou precisão e sistematização na coleta dos dados, assegurando que apenas conteúdos diretamente relacionados ao objeto de investigação fossem incluídos no *corpus*. A figura 1 apresenta o layout da plataforma de busca refinada, como forma de documentação visual do procedimento metodológico.

### 3.2 Etapas da Análise de Conteúdo

A análise do material empírico foi conduzida conforme as etapas clássicas da Análise de Conteúdo, conforme delineadas por Bardin (2011): (1) pré-análise, (2) exploração do material e (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A fase de pré-análise consistiu na organização preliminar do *corpus*, leitura flutuante dos textos e constituição de uma matriz descritiva, com dados como data de publicação, título, link de acesso e breve descrição do conteúdo. Essa etapa teve como finalidade o reconhecimento inicial do material e a preparação para a fase analítica propriamente dita.

A etapa seguinte, de exploração do material, consistiu na leitura analítica e sistemática das matérias jornalísticas selecionadas, de forma a possibilitar a identificação de aspectos relevantes para os objetivos da pesquisa. Nessa fase, foram observadas recorrências discursivas, ênfases temáticas, presença e ausência de determinados atores sociais e estratégias de construção narrativa.

Por fim, a fase de tratamento dos resultados e inferência será realizada no próximo tópico, sem pretensão de generalização estatística, mas orientada por uma perspectiva interpretativa que busca compreender os modos de representação do desastre ambiental nos veículos regionais, à luz dos referenciais teóricos do jornalismo ambiental, do jornalismo de proximidade e da comunicação pública em contextos de crise.

#### **4. A COBERTURA DAS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL NOS PORTAIS G1 MATO GROSSO E OLHAR DIRETO**

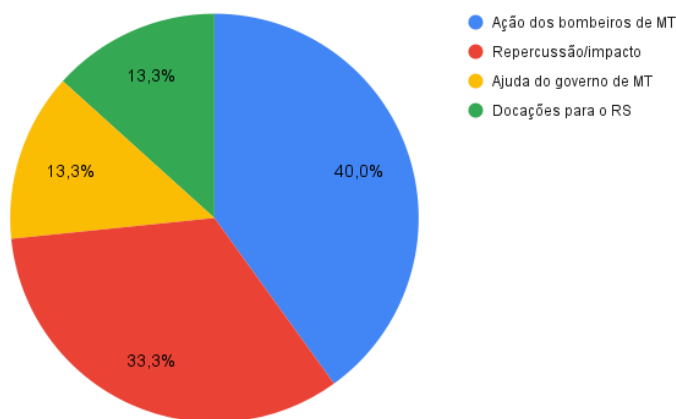
Este capítulo apresenta a análise dos dados empíricos obtidos a partir da aplicação da Análise de Conteúdo às matérias publicadas pelos portais G1 Mato Grosso e Olhar Direto sobre as enchentes no Rio Grande do Sul. A partir das categorias construídas na etapa de exploração do material, busca-se identificar padrões discursivos, recorrências temáticas e ausências significativas na cobertura jornalística, à luz dos referenciais do jornalismo ambiental e do jornalismo de proximidade.

Primeiramente, são examinadas as publicações do portal G1 Mato Grosso, com a identificação das categorias predominantes e a análise qualitativa de matérias representativas. Em seguida, procede-se à análise do portal Olhar Direto, adotando os mesmos critérios metodológicos, de modo a possibilitar a comparação entre os veículos. Ao longo do capítulo, procura-se evidenciar em que medida as coberturas incorporam ou negligenciam princípios como a contextualização sistêmica, a pluralidade de vozes e a abordagem crítica dos riscos ambientais, evidenciando também os limites e as potencialidades do jornalismo regional diante da crise climática.

#### 4.1 G1 Mato Grosso

Entre os dias 27 de abril e 31 de maio de 2024, o portal G1 Mato Grosso publicou 15 matérias relacionadas às enchentes no Rio Grande do Sul. A análise de conteúdo identificou quatro categorias principais. Conforme apontado no gráfico 1, a maior parte das matérias (40%) concentrou-se na “Ação dos Bombeiros no RS”, seguida por “Repercussão/Impacto em Mato Grosso” (33,3%), “Ajuda do Governo de MT ao RS” (13,3%) e “Doações para o RS” (13,3%).

**Gráfico 1:** Distribuição percentual das notícias (G1 MT, 2024)



**Fonte:** Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2025).

A centralidade das ações operacionais dos bombeiros evidencia, conforme Leal (2013), uma estratégia de humanização pela via da institucionalidade, muitas vezes utilizada para engajar o público sem aprofundar o evento em suas dimensões ambientais e estruturais. Em conformidade com Bardin (2011), uma notícia de cada categoria foi selecionada para análise qualitativa.

Na categoria “Ação dos Bombeiros no RS”, demonstra-se na figura 2, a matéria escolhida: “Cães farejadores e bombeiros de MT são enviados a RS para ajudar nas buscas após temporais deixarem 56 mortos”.

**Figura 2:** Layout da notícia analisada no portal G1 Mato Grosso



**Fonte:** G1 (2024).

A cobertura informa sobre o envio de equipes e equipamentos ao Rio Grande do Sul, mas não contextualiza o desastre enquanto fenômeno climático agravado por ações humanas. Conforme Girardi et al. (2020), o jornalismo ambiental demanda abordagem sistêmica, articulando causas socioambientais, impactos territoriais e riscos futuros.

A exclusividade de fontes governamentais, sem a presença de especialistas ou vítimas, compromete o princípio da pluralidade de vozes (LEAL, 2013) e se distancia da proposta do jornalismo de proximidade (PERUZZO, 2003; DORNELLES, 2012).

Na categoria “Repercussão/Impacto em MT”, cujo layout é demonstrado na figura 3, foi analisada a matéria: “MT possui 40 cidades com maior risco de deslizamentos de solo e inundações; veja lista”.

**Figura 3:** Layout da notícia analisada



**Fonte:** G1 (2024).

Baseada em dados da Casa Civil federal, a matéria lista cidades vulneráveis a deslizamentos em Mato Grosso. Apesar da importância da informação, o texto carece de contextualização crítica. Ao não vincular os riscos locais ao desastre ocorrido no Sul nem à crise climática mais ampla, perde-se, como alerta Peruzzo (2003), a chance de territorializar o debate ambiental. A ausência de fontes técnicas e comunitárias inviabiliza uma leitura complexa da realidade, frustrando o potencial de construção de cidadania ambiental crítica (LOUREIRO, 2020).

Na categoria “Ajuda do Governo de MT ao RS”, apresentada na figura 4, destaca-se a reportagem: “Governo de MT anuncia doação de R\$ 50 milhões para recuperação de casas, escolas e estradas do RS; AL analisa projeto”.

**Figura 4:** G1 noticiou ajuda financeira de MT ao RS



**Fonte:** G1 (2024).

A notícia relata falas do vice-governador e do presidente da Assembleia Legislativa sobre a proposta de doação ao estado gaúcho. Entretanto, a cobertura permanece ancorada na lógica político-administrativa, sem análise do fenômeno ambiental nem projeção futura, desconsiderando o que Girardi et al. (2020) nomeiam de jornalismo de precaução: aquele que antecipa e alerta a sociedade sobre riscos estruturais e suas consequências.

Na categoria “Doações para o RS”, exibida por meio da figura 5, foi examinada a matéria: “Terminais de ônibus de MT recebem doações para o RS a partir desta segunda-feira (20); veja pontos de coleta”.

**Figura 5:** G1 noticia pontos de coletas de doações



Fonte: G1 (2024).

Com foco em serviço, o conteúdo informa a população sobre locais de arrecadação. Ainda que cumpra função pública útil, o texto não insere essa mobilização em uma narrativa ambiental crítica. Segundo Baccega (2000), o jornalismo deve promover a formação da cidadania ecológica por meio da mediação interpretativa, algo ausente neste caso, já que não há discussão sobre a intensificação dos desastres ou sobre políticas de adaptação e resiliência.

17

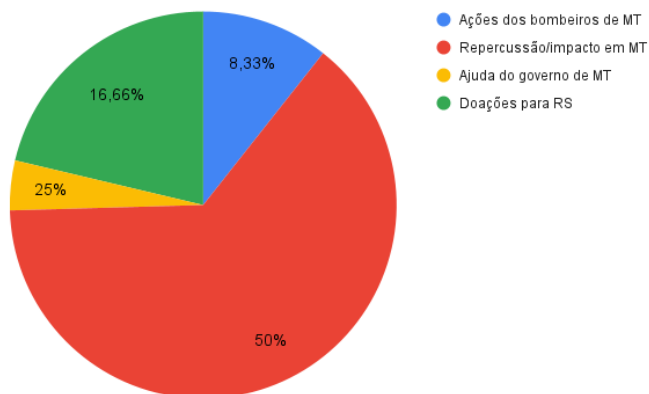
Em todas as categorias, observa-se uma cobertura que, embora informativa, não incorpora os pilares do jornalismo ambiental: transversalidade temática, pluralidade de fontes, contextualização histórica e crítica. Como afirmam Loureiro (2020) e Capra (2006), enfrentar a crise ambiental exige mudança de paradigma narrativo, o que envolve tratar desastres não como exceções, mas como sintomas de uma ordem ecológica colapsada. A abordagem do G1 Mato Grosso, ainda que relevante, deixa de assumir essa tarefa, optando por uma cobertura fragmentada, sem engajamento reflexivo com as causas e as consequências do evento analisado.

#### 4.2 Olhar Direto

Durante o período de 27 de abril de 2024 até 31 de maio de 2024, o Portal Olhar Direto publicou 12 notícias relacionadas às enchentes no Rio Grande do Sul. Ao analisar o material de cada notícia, agruparam-se as publicações conforme assunto/tema geral, percebendo-se, assim, a ocorrência de quatro temas.

Conforme dados sistematizados no gráfico 2, a categoria “Repercussão/Impacto em Mato Grosso” responde por 50% das matérias publicadas pelo *Olhar Direto* durante o período analisado, seguida por “Ajuda do Governo de MT ao RS” (25%) e “Doações para o RS” (16,66%). O recorte específico “Ajuda do Governo de MT” representa apenas 3,25% do total.

**Gráfico 2:** Distribuição percentual das notícias (Olhar Direto, 2024)



**Fonte:** Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2025).

Essa concentração revela uma lógica de cobertura centrada nos efeitos indiretos do desastre para Mato Grosso, evidenciando, como pontua Leal (2013), a predominância de uma abordagem factual e localizada, com reduzido esforço de mediação crítica entre o evento e suas causas estruturais.

Seguindo os procedimentos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), selecionou-se uma matéria por categoria para leitura qualitativa.

Na categoria “Ações dos Bombeiros de MT”, a notícia “Vídeo mostra equipes de Mato Grosso auxiliando em operações de resgate no RS”, disposta na figura 6, descreve a atuação logística de militares mato-grossenses. Ainda que informativa, a matéria limita-se ao relato institucional, apoiando-se exclusivamente em fontes oficiais. Conforme Girardi et al. (2018), o jornalismo ambiental exige mais do que o relato: ele deve articular diferentes saberes e explorar as dimensões sociais e ecológicas dos fenômenos. Aqui, não há diálogo com vítimas, especialistas ou comunidades, o que enfraquece o potencial formativo da cobertura.

**Figura 6:** Layout da notícia analisada sobre operações dos bombeiros



**Fonte:** Olhar Direto (2024).

Já na categoria “Repercussão/Impacto em MT”, a matéria “‘Estamos esperando uma reação nos preços’, diz presidente de sindicato sobre reajuste do arroz em MT”, disposta na figura 7, aborda os efeitos econômicos da tragédia no mercado estadual. A análise, porém, permanece superficial: consulta-se apenas o Sindicato das Indústrias de Arroz e a Conab, ignorando fatores como a vulnerabilidade sistêmica da cadeia produtiva ou os impactos socioambientais do evento. Conforme Loose (2017), o jornalismo ambiental deve revelar as conexões entre economia, ecologia e sociedade, o que requer um olhar interdisciplinar, ausente nesse exemplo.

**Figura 7:** Notícia analisada com foco em repercussão sobre impacto econômico.



**Fonte:** Olhar Direto (2024).

Na categoria “Ajuda do Governo de MT ao RS”, a notícia “Max já admite possibilidade de pedido de vista ao projeto que doa R\$ 50 milhões ao RS”, demonstrada na figura 8, exemplifica uma cobertura que se restringe à tramitação política da proposta legislativa. O conteúdo é baseado exclusivamente na fala do deputado Max Russi, sem menções às motivações climáticas da calamidade nem à articulação entre políticas públicas e prevenção de desastres. Como observam Girardi et al. (2020), o jornalismo de precaução exige projeção futura e foco em mitigação, dimensão completamente ausente na narrativa.

**Figura 8:** Notícia analisada com foco em recursos para o RS



**Fonte:** Olhar Direto (2024).

Por fim, na categoria “Doações para o RS”, a notícia “Sede da Enersim se torna ponto de coleta de doações para o Rio Grande do Sul”, apresentada na figura 9, informa que a concessionária de energia aderiu à mobilização solidária. Ainda que registre uma ação relevante, o conteúdo se mantém dentro do padrão informativo e promocional, sem articulação crítica com os determinantes ambientais do desastre. Beck (2010) argumenta que os problemas ecológicos são, sobretudo, construções sociais e, por isso, o jornalismo que os cobre deve assumir sua função de responsabilização coletiva, algo que não se verifica neste exemplo.

**Figura 9:** Sede da concessionária de energia tornou-se ponto de doações



**Fonte:** Olhar Direto (2024).

Posto isso, embora se comprometam a noticiar acontecimentos relativos às enchentes do Rio Grande do Sul e seus desdobramentos, as matérias analisadas demonstram baixa incidência dos princípios do jornalismo ambiental, tais como a pluralidade de vozes, a contextualização sistêmica e a abordagem pedagógica dos riscos (LOUREIRO, 2020; CARVALHO, 2004). Predomina uma lógica institucional e episódica, que compromete a capacidade do jornalismo regional de contribuir para a formação de sujeitos ecológicos: aqueles capazes de compreender, agir e intervir diante da crise climática.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da cobertura jornalística das enchentes no Rio Grande do Sul, realizada pelos portais G1 Mato Grosso e Olhar Direto, revela uma abordagem limitada frente à complexidade dos desastres ambientais contemporâneos. Apesar da mobilização noticiosa observada durante o período crítico, ambas as coberturas se concentraram em aspectos factuais, em ações institucionais e em repercussões localizadas, com baixa articulação entre o evento analisado e suas causas estruturais.

Os dados demonstram que os dois veículos priorizaram conteúdos centrados em iniciativas do poder público estadual, na atuação dos bombeiros e em campanhas de doação, deixando em segundo plano a contextualização climática do desastre. A ausência de vozes

plurais, a escassez de especialistas e a falta de conexão com os impactos ambientais locais indicam que a cobertura pouco avançou na direção de uma comunicação crítica e pedagógica.

Embora o jornalismo regional tenha o potencial de territorializar debates e fomentar a compreensão pública sobre riscos ambientais, as matérias analisadas não exploraram essa capacidade. Predominaram estratégias comunicacionais voltadas à reprodução de informações oficiais, sem problematização mais profunda ou estímulo à reflexão coletiva sobre a intensificação dos eventos extremos.

Para que a imprensa regional cumpra de forma mais efetiva sua função social diante da emergência climática, é necessário superar a lógica da cobertura episódica e assumir uma postura mais investigativa, sensível às dinâmicas territoriais e comprometida com a transformação social. Isso implica investir em formação especializada, diversificar fontes, integrar narrativas ambientais ao cotidiano das comunidades e construir vínculos comunicacionais mais sólidos entre os fenômenos locais e os grandes processos globais. O desafio está lançado: transformar a informação em consciência crítica e a cobertura em ferramenta de enfrentamento das desigualdades e da vulnerabilidade ambiental.

## REFERÊNCIAS

ALLAN, Stuart; PETERS, Chris. **Visual truths of environmental change: the photographic journalistic iconography of climate change.** *Visual Communication*, v. 14, n. 3, p. 300-321, 2015.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Novas tecnologias, novas sensibilidades.** *Comunicação & Educação*, n. 18, p. 7-14, 2000.

BARBOSA, Maristela. **Jornalismo ambiental e memória social: entre as ausências e os silêncios.** In: MACHADO, João Carlos Correia; RAMOS, Flávio (org.). *Jornalismo e memória: entre testemunhos e silêncios.* Covilhã: LabCom Books, 2020. p. 103-120.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BECK, Ulrich et al. **Sociedade de risco.** São Paulo: Editora, v. 34, p. 49-53, 2010.

BORGES, Lúcio Flávio. **Jornalismo regional: identidades, conflitos e memória.** In: FAUSTO NETO, Antônio; FERREIRA, Jorge (org.). *Jornalismo e regionalismo.* Salvador: Edufba, 2010. p. 113-131.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** II. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CERVI, Everton; MASSUCHIN, Michele. **Comunicação ambiental e crise climática: desafios para o jornalismo local e regional**. *Revista Brasileira de Jornalismo Digital e Participativo (Z Comunicação)*, v. 2, n. 1, p. 1-18, 2022.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo e regionalismo: identidades midiáticas e cultura local**. In: FAUSTO NETO, Antônio; FERREIRA, Jorge (org.). *Jornalismo e regionalismo*. Salvador: Edufba, 2012. p. 13-28.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Jorge. **A comunicação no contexto local: um estudo das práticas de proximidade**. *Revista Comunicação & Informação*, v. 11, n. 1, p. 29-38, 2008.

GIRARDI, Glauce; CARVALHO, Ana Paula Goulart; PERES, Wilson da Costa Bueno. **Mudanças climáticas e jornalismo: cobertura e percepção pública**. São Paulo: Fundação Grupo Esquel Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.grupoesquel.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GLOBO. **Princípios editoriais do Grupo Globo**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://editorial.globo.com>. Acesso em: 12 abr. 2025.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEAL, Paulo Henrique. **Jornalismo ambiental: uma proposta educativa e crítica para a cobertura dos conflitos socioambientais**. In: LIMA, Délcio Vieira (org.). *Educação ambiental e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 67-78.

LEAL, Paulo Henrique; FAUSTO NETO, Antônio. **Jornalismo e mediação sociopolítica do ambiente**. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 428-447, 2014.

LOOSE, Elisa; GIRARDI, Glauce. **Jornalismo e mudanças climáticas: desafios e perspectivas para a comunicação ambiental**. In: GIRARDI, Glauce et al. *Mudanças climáticas e jornalismo: cobertura e percepção pública*. São Paulo: Fundação Grupo Esquel Brasil, 2017. p. 105-121.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental crítica: da forma à complexidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

PERUZZO, Celso Augusto. **Jornalismo de proximidade e comunicação alternativa: a apropriação simbólica do território**. *Revista Intercom*, v. 26, n. 2, p. 1-14, 2003.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado. **Relatório de impacto das chuvas e cheias extremas de abril e maio de 2024**. Porto Alegre: Defesa Civil do Estado, 2024.